

DA EPIDEMIA DISCURSIVA À ERA PÓS-COQUETEL:
NOTAS SOBRE A MEMÓRIA DA AIDS NO CINEMA E NA
LITERATURA.

*FROM EPIDEMIC DISCURSIVE TO POST-COCKTAIL ERA: NOTES
ON AIDS MEMORY IN CINEMA AND LITERATURE.*

Alexandre Nunes de Sousa
Doutorando do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da
UFBA
alexandrenunes@cariri.ufc.br

Resumo: Este artigo trata das mudanças discursivas nas abordagens da AIDS no cinema *mainstream* e literatura norte-americanos a partir de 1996. Ano em que se desenvolvem potentes medicações antirretrovirais que transformariam a face da epidemia nos países onde as populações possuem acesso ao assim chamado coquetel. Inicia-se uma nova fase de dizibilidade da síndrome associada ao processo de sua “cronificação” ao mesmo tempo em que se consolida certa produção narrativa a partir da memória de acontecimentos e estigmas cada vez mais distantes.

Palavras chave: Literatura da Aids. cinema *mainstream*. memória.

Abstract: This article discusses the discursive changes in approaches to AIDS in the mainstream literature and American film from 1996. Year in which they develop potent antiretroviral medications that would change the face of the epidemic in countries where populations have access to the so-called cocktail . Begins a new phase of speech syndrome associated to the process of "chronicity" while it consolidates certain narrative production from the memory of more distant events and stigmas.

Keywords: AIDS Literature. mainstream cinema. memory.

1 A EPIDEMIA DISCURSIVA DA AIDS NAS MÍDIAS E NAS ARTES

O início da epidemia de AIDS foi marcado pelo pânico moral e o processo de desmonte dos direitos sociais na implementação das políticas neoliberalismo em diversas partes do mundo. Tal contexto levaria o então Presidente dos EUA, Ronald Regan, a pronunciar o nome da síndrome em público apenas em 1987, próximo ao final do seu segundo mandato. Naquele momento já faziam mais de quatro anos desde que o vírus tinha sido identificado e contabilizava-se milhares de mortes.

Os meios de comunicação por sua vez, foram paulatinamente, não apenas descrevendo os acontecimentos envolvendo a doença, mas inventando sua existência discursiva. Tornando a AIDS a primeira pandemia midiática desde seu nascedouro. O que levou alguns pesquisadores a afirmarem a impossibilidade de analisar a AIDS fora do contexto das mídias (BESSA, 1997). A imprensa ocidental a denominou inicialmente como *Gay-Related Immunodeficiency* – GRID (Imunodeficiência relacionada a gays) e popularizou-a nos primeiros anos como o Câncer Gay (DANIEL; PARKER, 1991; BESSA, 1997).

Naquela mesma época, a escritora e articulista norte-americana Susan Sontag, deu importante contribuição para o tema das problemáticas discursivas da epidemia, criando um texto divisor de águas: “A AIDS e Suas Metáforas”. Como afirmou a autora já nas primeiras linhas daquele ensaio: “a metáfora, escreveu Aristóteles, consiste em dar a uma coisa o nome de outra” (2006, p.86).

E é especialmente contra as metáforas de guerra no discurso da AIDS que a escritora desenvolve seu argumento. Combate, defesa, ataque, luta, invasão. Estes seriam, para Sontag, termos que contribuíam para dificultar o entendimento “real” da infecção, culpabilizando e estigmatizando as vítimas. No entanto, a intenção de acesso ao “real” é relativizado posteriormente, quando a ensaísta afirmará que é impossível falar sem metáforas, mas é possível evitar aquelas que provocam estigmas (ROLLYSON; PADDOCK, 2002).

Sontag vinha de uma importante contribuição de combate a estigmas, sendo o mesmo tópico desenvolvido dois anos antes pela mesma escritora no conto “Assim vivemos agora” (1995), no qual há a afirmação discursiva de que as pessoas continuavam vivas e eram muito além de suas enfermidades. Naquele momento, as diversas metáforas circulantes promoviam a identificação entre doente = doença = morte. Assim como o tuberculoso (sic) ou o leproso (sic), surgia o aidético (sic). A luta semântica contra o uso midiático deste termo pejorativo e a favor da centralidade na vida já aparecia naquele texto originalmente publicada em 1986 pela Revista The New Yorker.

E foi assim que se configurou um fenômeno, chamado por Marcelo Secron Bessa (1997) de “epidemia discursiva” através da utilização de dispositivos midiáticos. Para o autor, a temática da AIDS se torna central em diversos campos da produção humana do final do século XX: ciência, jornalismo e mídias em geral. Estes campos de conhecimento produziram e reproduziram estigmas nos primeiros anos da epidemia. É assim que, no Brasil, a famosa capa da revista *Veja* de 06 de abril de 1989 tem o poder de inventar a “cara da AIDS” quando estampa a imagem do cantor Cazuza com a epígrafe: uma vítima de agoniza em praça pública.

Figura 1: Capa da Revista *Veja* de 06 de abril de 1989 (Sem figura ??)

Assim, o local das mídias não era apenas de reportar uma epidemia como acontecimento, mas inventar as formas como as diversas populações viam, percebiam e vivenciavam a doença. Contudo, foi possível uma reação a estas formas de dizer a epidemia. Tal iniciativa não era uma ação solada da ensaísta Susan Sontag e viria também dos movimentos sociais e mesmo de setores das mídias *mainstream*. Era a época do surgimento do *Queer Nation* e do *ACT UP* nos EUA, este último com seu clássico slogan: silêncio = morte. Diante da flagrante omissão das autoridades públicas e do sensacionalismo televisivo que transformava os sofrimentos em espetáculo, era necessário falar. Se a epidemia discursiva invadia a ciência e o jornalismo, também eram produzidos

contra-discursos, vindo das artes, como é o caso do audiovisual e da literatura. Logo, a temática da AIDS invadia as artes como estratégia política de atuação e visibilidade.

2 CINEMA MAINSTREAM E LITERATURA: DA EPIDEMIA DISCURSIVA ÀS NARRATIVAS PÓS-COQUETEL

Escritores como Michael Cunningham, Armistead Maupin fizeram parte da geração cujas obras foram invadidas pela AIDS. Assim como a tuberculose tomou conta de parte significativa das artes no final do século XIX e início do século XX (“A montanha mágica”, de Thomas Mann é um exemplo clássico), a AIDS vai passar a ser um tema fundamental na produção destes autores nas décadas de 1980 e parte de 1990.

Entretanto, as recentes construções narrativas cinematográficas e literárias da AIDS vivenciaram uma espécie de ponto de mutação. A descoberta dos potentes antiretrovirais, o chamado coquetel, exatamente no ano de 1996 vai dar uma nova configuração à epidemia e sua discursividade. Quando nos voltamos para o cinema *mainstream* e literatura vemos uma espécie de “cronificação” da doença e “cronificação” das narrativas. Podemos afirmar que no contexto estadunidense este ponto de mutação ocorre no livro “As horas” (1999) de Michael Cunningham e com a produção do filme homônimo de Stephen Daldry. Em uma cena é possível perceber um diálogo onde o personagem vivendo com HIV argumenta que pode sim viver por anos, mas acaba dando fim à sua vida por motivos que não eram especificamente relacionados à síndrome.

Figura 02: cena do filme As horas (2002) (sem figura ??)

Livro e filme se passam em 1999 e o prognóstico da vida longa de uma pessoa vivendo com HIV, como temos nos dias de hoje, era apenas uma suposição, embora já existisse. Passava-se então a figurar uma alternativa de

escolha até então inexistente: decidir viver ou morrer. Aquele é um momento divisor de águas na história da literatura e do cinema da AIDS em que a morte passa a não ter mais a centralidade fatal na construção das narrativas.

A partir de então, presenciamos a emergência de diversas obras características do que temos chamado de uma “narrativa pós-coquetel”. Em especial em livros de outro escritor norte-americano, Armistead Maupin, como “Ouvinte da Noite” (2002), que fora adaptado para o cinema em 2005, e “Michael Tolliver Lives” de 2007. Livro inédito no Brasil. No primeiro, vemos o companheiro do protagonista ressurgir do leito de morte ao mesmo tempo em que põe fim ao relacionamento e, no segundo, ficamos sabendo que o clássico personagem da série de livros “Tales of the City” (“Histórias da Cidade”), dos anos 1970 e 1980, não morreu em decorrência da aids e é um cinquentão soropositivo vivendo em São Francisco.

Figura 03: cena do filme “Segredos da noite” (2005) (sem figura ??)

Se na obra de literária de Maupin a temática da aids continua a aparecer com frequência, nos livros de Michael Cunningham pós-coquetel a epidemia passa a figurar apenas como uma vaga memória triste. É o que acontece no romance “Ao anoitecer” (2010). Vale lembrar que os primeiros livros deste último escritor estão marcadamente atravessados pela aids: “Uma casa no fim do mundo” (1990) e “Laços de Sangue” (1994).

3 NARRATIVAS PÓS-COQUETEL E AS NOVAS VISIBILIDADES LITERÁRIAS E CINEMATOGRAFICAS DA EPIDEMIA

Não se vive mais daquele jeito narrado por Susan Sontag em seu texto publicado em 1986. As mudanças promovidas pelos fármacos transformaram também os modos de contar a epidemia no cinema e na literatura. Parecendo-nos que esta nova dizibilidade caminhará em três diferentes sentidos:

1) A descentralização ou desaparecimento total do tema da epidemia nos processos de adaptação das narrativas para o cinema, como na tradução fílmica de “Uma casa no fim do mundo” (2005) de Michael Cunningham.

2) O surgimento de uma espécie de “narrativas de memória” em claras reportagens às vivências na origem da síndrome. Como afirmamos acima, é a emergência de certa narrativa fílmica *mainstream* que opta por adaptar peças teatrais escritas no auge da epidemia como: *Angels in America* (2003); *Rent* (2005) e *The normal Heart* (2012). Ou ainda outros filmes como Clube de Compras Dallas (2013) e *Test* (2013), todos em um clima de “naquele tempo era assim que se vivia”. Este parece ser o caminho que ainda rende dividendos interessantes para Hollywood. Não por acaso é a tendência com maiores produções contemporâneas

3) Outro caminho parece ser o dos relatos/narrativas de “cronificação” da síndrome. O que é o caso de “O segredos da noite” (2005) e o documentário de Joaquim Pinto em “E agora, lembra-me” (2014). O filme autobiográfico dedica-se a narrar as questões de uma vida possível pós-coquetel. Destacam-se ainda na literatura, a *gráfic novel* Pílulas Azuis (2015), do artista visual suíço Frederik Peeters. Esta última, contando em quadrinhos o cotidiano de um casal heterossexual sorodiscordante (quando apenas um dos dois está soropositivo). Enfim, retrata-se um modo “cronificado” como se vive com HIV no século XXI. Revelando o vírus como uma característica dentre tantas da vida (obviamente, na realidade de um país desenvolvido e de pessoas não-imigrantes que têm acesso à terapia antirretroviral).

Ressaltamos que estas reflexões dizem respeito quase em sua

totalidade ao cinema *manstream* e literatura norte-americanos de ampla circulação mundial, ficando de fora por exemplo as obras alternativas do *New Queer Cinema*. Outro ponto relevante a se destacar é que quase a totalidade das narrativas abordam personagens homens cisgênero, gays e brancos, demonstrando uma hegemonia da circulação masculina e a invisibilidade de personagens negras e/ou mulheres e imigrantes no cinema *mainstream* e na literatura da AIDS.

As temáticas recentíssimas envolvendo a síndrome, como a Profilaxia pré-exposição (PreP), Profilaxia pós-exposição (PeP) e tratamento como prevenção (TasP), parecem ter sido pela primeira vez abordadas na 2ª temporada do seriado *Looking* (2015). Aqui, vemos outro casal sorodiscordante vivendo uma relação no contexto da síndrome crônica que se tornou a AIDS.

“você tem ideia do que é ser um gay soropositivo nesta cidade?”

Figura 4: cena do seriado *Looking* (2015)

É importante pontuar que em 2015 só foram registrados 2 personagens vivendo com HIV na TV norte-americana. Eddie, personagem de Daniel Franzese, presente no já citado seriado, e Oliver, vivido por Conrad Ricamora em *“How to get away with murder”* (2015). O que parece demonstrar uma tendência à ausência de interesse por parte do áudio-visual comercial contemporâneo sobre os modos de vida das pessoas vivendo com HIV/AIDS hoje .

As impressões aqui contidas são apontamentos esparsos que não pretendem dar conta do estado da arte destas que analiticamente, chamamos de “narrativas pós-coquetel”. Nem pretendemos apontar como se configura a epidemia em termos mundiais, mas destacar como a mesma aparece nos discursos de alguns produtos culturais produzidos em contextos onde a população tem acesso à terapia anti-retroviral.

A mudança da face dos pacientes vivendo com AIDS nos países onde

os mesmos estão em terapia com o coquetel parece ter contribuído para a temática da AIDS sair de pauta dos meios de comunicação. Assim como não vemos hoje grandes enredos ficcionais ou produções jornalísticas envolvendo a tuberculose, por exemplo. Contudo, não quer dizer que a epidemia esteja controlada. Longe disto, vieram também sua feminização, o aumento dos casos entre jovens, o deslocamento dos óbitos para os países periféricos, etc.

Logo, ao mesmo tempo em que há a emergência de uma vida possível com HIV em determinados países, há também a ausência das questões levantadas no parágrafo anterior nas obras aqui analisadas. Talvez por serem populações minoritárias, não possuírem acesso à saúde como direito ou mercadoria e não viverem em Manhattan. Uma nova fase da epidemia se inicia.

REFERÊNCIAS

ANGELS IN AMERICA. Direção: Mike Nicholson Produção: Celia costas Roteiro: Tony Kushner. Intérpretes: Al pacino, Meryl Streep e Emma Thompson. Rio de janeiro: Warner brothers, 2007. 2 DVDs som., cor.

BESSA, M. **Histórias positivas**: a literatura (des)construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Os perigosos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

BEAUVAIS, Y. O new queer cinema em relação ao cinema experimental e a videoarte no combate á AIDS. In. MURARI, L & NAGAMI, M. (orgs.) **New queer cinema**. São Paulo: [s.n.], 2015.

CLUBE DE COMPRAS DALLAS. Direção: Jean Marc Vallée Produção: Robiie Brenner e Racel Winter Roteiro: Kerry barden, Paul Schinee e Rich Delia Intérpretes: Matthew McConaughey, Jannifer Garner e Jared Leto. Rio de janeiro: Focus, 2013. 1 DVD som., cor.

CUNNINGHAM, M. **Uma casa no fim do mundo** São Paulo: companhia das letras, 1990.

_____. **Laços de sangue**. São Paulo: companhia das letras, 1994.

_____. **As horas**. São Paulo: companhia das letras, 1999.

_____. **Ao anoitecer**. São Paulo: companhia das letras, 2010.

DANIEL, H. e PARKER, R. **AIDS**: a terceira epidemia. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

AS HORAS. Direção: Sthephen Daldry Produção: Mark Huffan Roteiro: David Hare Intérpretes: Meryl Streep, Julianne Moore e Nicole Kiddman. Rio de janeiro: Imagem filmes, 2002. 1 DVD som., cor.

MAUPIN, A. **Michael Tolliver lives**. San Francisco: Harper Perenial, 2007.

_____. **Ouvinte da Noite**. São Paulo: Axr , 2002.

PEETERS, F. **Pílulas azuis**. São Paulo: Memo, 2015.

ROLLYSON, C. & PADDOCK, L. **Susan Sontag**: a construção de um ícone. São Paulo: 2002.

SEGREDOS DA NOITE. Direção: Michael Stettner. Roteiro: Michael Stettner, Armistead maupin, terry Anderson. Intérpretes: Robim Willams, Toni Collette, Sandra Oh. São Paulo: NHO, 2006, 1 DVD. Son, cor.

SONTAG, S. **A doença e suas metáforas/ AIDS como metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Assim vivemos agora.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

THE NORMAL HEART. Direção: Ryan Murphy. Produção: Scott fergusson Roteiro: Larry Kramer. Intérpretes: Mark Ruffato, Matt bomer e Julia Roberts. Rio de janeiro: HBO Filmes, 2014. 1 DVD som., cor.